

UNIVERSIDADE EDURADO MONDLANE
Faculdade de Filosofia

Departamento de Graduação

Dionísio Ricardo

Educação democrática: uma abordagem sobre educação libertária em John Dewey

Licenciatura em Filosofia

Maputo
2023

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
Faculdade de Filosofia
Departamento de Graduação

Educação democrática: uma abordagem sobre educação libertária em John Dewey

Monografia Científica apresentada à Faculdade de
Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane como
exigência parcial para obtenção do grau académico de
Licenciado em Filosofia

Candidato: Dionísio Ricardo

Supervisor: Doutor Daniel Vasco Nhantumbo

Licenciatura em Filosofia

Maputo
2023

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Dionísio Ricardo, Titular do B. I. N° 100108867464S, emitido aos 18 de Julho de 2019 pelo Arquivo de Identificação Civil da Cidade da Matola, declaro por minha honra que esta monografia é da minha autoria. Todas as fontes estão devidamente citadas ao longo do texto e constam das referências bibliográficas. Declaro ainda que esta monografia nunca foi apresentada em nenhuma outra instituição para a obtenção de qualquer grau académico.

Maputo, 21 de Junho de 2024a

(Dionísio Ricardo)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho do final da minha formação aos meus pais, irmão e amigos pela vida e sacrifícios consentidos para minha educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, conforto nos momentos mais turbulentos da minha vida; aos meus pais, pela educação, dedicação e amor concedidos de forma incondicional;

À minha esposa, pelo amor, ajuda moral, e encorajamento nos momentos difíceis da minha formação;

Aos meus colegas da turma, nomeadamente, Domitília Faustina Macamo, Maria Tembe, pela partilha de experiência e conhecimentos académicos durante o tempo da formação;

Ao meu Supervisor, Doutor Daniel Vasco Nhantumbo, pela diligência e entrega abnegada no acompanhamento deste trabalho;

À UEM, Faculdade de Filosofia, a todos professores e membros do CTA pelos serviços prestados durante a minha formação.

A todos quantos directa ou indirectamente, colaboraram na realização do meu sonho de formação académica e humana, nesta Universidade.

Muito obrigado!

RESUMO

A Presente monografia intitulada *Educação democrática: uma abordagem sobre educação libertária em John Dewey*, trata da teoria educacional assente nos princípios democráticos e pragmáticos. O problema desta monografia assenta-se no facto de que na nossa sociedade, a educação continua vinculada aos modelos tradicionais em que os conteúdos do ensino consistem em um conjunto de informação e de habilidades elaboradas no passado, sendo, portanto, a principal tarefa da educação transmiti-las às novas gerações. No passado, foram desenvolvidos modelos e regras de conduta, logo a educação moral consiste em formar hábitos de acção em conformidade com essas regras e modelos. O problema principal está no facto de que os modelos tradicionais de educação não estimulam a criatividade, o espírito de iniciativa, nem o pensamento crítico dos alunos. O objectivo deste estudo é de reflectir sobre Educação democrática na pedagogia pragmática de John Dewey, no que diz respeito ao seu pensamento pedagógico orientado para a transformação social, no contexto da educação democrática da Escola Nova. Tomando como pressuposto a teoria da Escola Nova, que visava o ensino centrado no educando, o autor contrapôs ao Sistema Tradicional de educação, propondo a Educação Democrática. Para Dewey concretizar o ideal democrático da sociedade, recorreu à Educação como um fenómeno de extrema importância, capaz de proporcionar um espaço democrático para as diferentes classes sociais e através de uma metodologia fundamentada no interesse e na experiência do indivíduo, garantir a perpetuação dos valores liberais básicos, como a liberdade, a solidariedade e a igualdade de oportunidades. A Educação Democrática é aquela onde a igualdade de oportunidades é um elemento fundamental, isto é, todos os indivíduos presentes no processo de ensino e aprendizagem devem ter a mesma oportunidade de ensino e que não deverá haver diferenças de classes, cada aluno deve-se enriquecer com as experiências dos outros, entrando numa relação de inter-ajuda. Para Dewey, o fim da Educação é fazer com que a aprendizagem de todo o conhecimento leve à prática, e sendo assim, ele propôs uma Educação, um método que tomasse em conta a experiência de cada indivíduo, não como uma atitude isolada do sujeito com o mundo, mas que este se integre na sociedade. Dewey faz uma viragem de pensamento, afirmando que o aluno deve ser educado em conformidade com as necessidades sociais, bem como sob tutela de alguém com uma certa experiência, de modo que na sociedade não existam desníveis de educação e não se encontrem indivíduos à margem da sociedade. Portanto, a educação deve servir para a emancipação e para a transformação social e não virada apenas para o indivíduo isolado.

Palavras-chave: Democracia, Educação, Experiência, Pragmatismo, Pedagogia democrática.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	ii
DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTO.....	iv
RESUMO.....	v
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I: VIDA, OBRAS, INFLUÊNCIAS E CONCEITOS BÁSICOS EM JOHN DEWEY.....	16
1. Vida	16
2. Obras.....	16
3. Influências.....	24
CAPÍTULO II: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DEMOCRACIA E PRAGMATICA.....	25
1. Educação democrática.....	25
2. Fundamentos da pedagogia pragmática	26
3. Pensamento reflexivo deweyano.....	27
CAPÍTULO III: A PEDAGOGIA TRANSFORMADORA E DEMOCRÁTICA DE JOHN DEWEY.....	30
1. Pedagogia como factor de transformação e democratização social.....	30
2. Pedagogia da Escola Nova	31
3. Educação democrática e libertária através da escola.....	34
4. Educação como formação do espírito.....	35
5. Educação como reconstrução da experiência.....	36
CONCLUSÃO.....	43
BIBLIOGRAFIA.....	45

INTRODUÇÃO

A presente monografia intitula-se *Educação democrática: uma abordagem sobre educação libertária em John Dewey*.

O problema que suscitou esta pesquisa consiste no facto de que a educação para a liberdade ainda não constitui preocupação principal do sistema de educação. A nossa educação não estimula nos indivíduos o sentido de cidadania e de participação activa e consciente no debate dos problemas da sociedade. Trata-se de uma pedagogia não progressista, que não impulsiona abertura das mentes para uma educação democrática no espaço escolar. O problema principal está no facto de que o nosso sistema de educação não estimula a criatividade, o espírito de iniciativa, nem o pensamento crítico dos alunos.

Em termos de problematização, constata-se que na nossa sociedade a escola ainda não se tornou factor de progresso e integração de indivíduos e muito menos das crianças que nela frequentam e, conseqüentemente, não preparando à criança a participação da vida política e social numa sociedade dinâmica e dificultando deste modo o processo de ensino e aprendizagem nessa mesma sociedade. Embora se verifique progresso nas teorias científicas sobre educação (pedagogia) a praxis educacional em muitos casos ainda obedece a modelos tradicionais, em que o aluno se encontra à margem do processo de ensino e aprendizagem e na maioria das vezes ou quase sempre, este não adere aos conteúdos transmitidos devidamente.

As razões para a escolha do tema acerca da pedagogia pragmática de John Dewey consiste no facto de que este modelo de pedagogia permite a transformação das estruturas sociais, favorece o desenvolvimento humano e, por ser democrático, promove a participação dos educandos em particular e dos cidadãos em geral na construção do conhecimento. Sendo assim, este modelo pedagógico pode ser de extrema importância para nossa sociedade e, principalmente, para os nossos sistemas de educação. A democracia e a pedagogia são temas históricos e sua efectivação é dependente das opções concretas que os homens realizam ao longo do tempo e a sua efectivação passa necessariamente por uma conscientização e luta. Ambos têm, indubitavelmente, um carácter social que não pode ser ignorado nas reflexões académicas.

Constitui objectivo principal da nossa monografia reflectir acerca da *educação democrática enquanto uma abordagem sobre educação libertária em John Dewey*. Os objectivos específicos são: explicar as

influências e os conceitos de educação democrática e pedagogia pragmática; discutir a relação entre educação, democracia e pragmatismo e, finalmente, discutir sobre a pedagogia transformadora e democrática de John Dewey.

O Quadro teórico deste trabalho é composto de seguintes conceitos: *pragmatismo, experiência, educação, democracia, utilitarismo e liberdade*. A Definição de conceitos justifica-se pela necessidade permitir uma compreensão aprofundada e contextualizada do pensamento educacional do autor.

Pragmatismo - O conceito pragmatismo provém do grego *pragma*, e significa Acção. Na filosofia a corrente pragmatista foi desenvolvida nos estados Unidos da América no século XIX por filósofos como Charles Sanders Peirce e William James. Como afirmam (OZMON *et* CRAVER (2004:133) estes filósofos defendiam que a prova da verdade de uma dada proposição é a sua utilidade prática.

O pragmatismo norte-americano assenta-se na filosofia empirista moderna inglesa iniciada por Francis Bacon e continuada por outros filósofos como Locke e Charles Darwin. O pragmatismo afirmou-se como filosofia autêntica com os nomes de Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey na América.

Foi Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), que criou as ideias fundamentais do Pragmatismo. O conceito pragmatismo foi introduzido, pela primeira vez, em 1878, no seu artigo “como tornar claras nossas ideias”, tendo influenciado James e Dewey a conceberem o Pragmatismo e a desenvolverem esta corrente filosófica. (SOUZA, 2004: 41.

Pragmatismo foi divulgado por William James (1842 – 1910), que afirmava de que “*um empirismo não deve nem admitir em suas construções qualquer elemento que não seja directamente experienciado*” (JAMES, 1979: 190). O Pragmatismo é uma filosofia empirista, não a modo de empirismo tradicional que dava primazia à natureza e à experiência e que não tomava em conta o homem nos seus problemas e necessidades e se caracteriza por acreditar que a filosofia nunca deverá tomar em consideração nenhuma realidade fora da experiência humana real e possível.

O pragmatismo é oposto às especulações em que não têm uma aplicação prática. Na concepção empirista, a verdade está ligada ao tempo, lugar e objecto da investigação e que o valor é inerente tanto por seus meios como por seus fins. Portanto, o Pragmatismo de Dewey considera a experiência como

uma chave que abre o futuro, reduzindo a verdade à utilidade. Neste caso, o conhecimento é pragmático por definição.

Educação - Sobre o conceito de educação deve-se partir da ideia de que a Educação é um fenómeno criado pela e para a sociedade. Dewey, sendo um educador, o seu pensamento teve muita influência na “Escola Nova”. Para Dewey, a Educação e, em especial, a escola possui uma função de coordenar a vida mental de cada indivíduo nas diversas influências dentro do meio social onde o indivíduo vive. Por isso, em Dewey, a Educação ainda que seja uma função social, é uma necessidade de vida, onde a vida é renovada através da transmissão de um conhecimento de um indivíduo ao outro e isto diferencia o homem dos outros seres, assim, afirma Dewey que: *“a mais notável distinção entre os seres vivos e inanimados é que os primeiros se conservam pela renovação. Ao receber uma pancada, a pedra opõe resistência. Se a resistência for maior do que a força da pancada, ela, exteriormente, não apresentará mudança; no caso contrário se partirá em fragmentos menores que ela”* (DEWEY, 1959: 1).

O objectivo principal da Educação é fazer com que a aprendizagem de todo o conhecimento leve à prática, e assim posto, ele propôs uma Educação, um método que tomasse em conta a experiência de cada indivíduo, não como uma atitude isolada do sujeito com o mundo, mas que este se integre com os outros.

Para Ozmon et Craver (2004:151) *“a Educação em Dewey é um processo pelo qual uma cultura é transmitida de geração para geração, acontecendo por meio da comunicação de hábitos, actividades, pensamentos e sentimentos dos membros mais velhos da cultura aos mais novos”*. E é por este facto que a Educação não se deverá limitar ao ensino escolar e formal, mas também como fazendo parte da própria vida.

Experiência - O conceito de Experiência é fundamental, já que a Educação, sendo uma necessidade de vida, então só através da experiência que cada aluno tem na sua vida é que poderá enriquecer os outros alunos, assim como se enriquecer, e, neste caso, a Educação deve oferecer esta oportunidade de o homem agir sobre o seu próprio ambiente em função de poder enriquecer a sua vida. Entretanto, só através da Educação é que os homens podem exercer, de boa maneira, a democracia. Só com o Pragmatismo é que tudo o que o homem pretende alcançar terá uma aplicação prática. Assim, a teoria e a prática são dois conceitos que no processo educacional de Dewey não se devem separar.

No que tange ao experimentalismo, Dewey preferiu chamar sua filosofia deste nome, “já que ele acreditava que dever-se-ia usar a filosofia para ajudar as pessoas a serem mais experimentais nas suas abordagens dos problemas sociais, testando ideias e propostas reflexivamente, antes de agir sobre elas, e por meio da avaliação crítica e do exame reflexivo dos resultados, depois de experimentá-los na prática” (OZMON; CRAVER, 2004: 141). Entretanto Dewey afasta-se de James e de Peirce no modo como ele interpreta as relações entre o conhecimento e a realidade e neste caso, “*enquanto os outros dois expoentes do Pragmatismo concebem o conhecimento como reprodução subjectiva de uma realidade objectiva, Dewey considera o sujeito e o objecto como um todo único*” (MONDIN, 1983: 157). Portanto, as ideias são tidas como meio para se poder resolver todos os problemas que o homem enfrenta e que a resolução dos mesmos só tem sentido na vida prática e de uma forma experimental para se poder atingir um fim melhor; daí a preferência em experimentalismo e instrumentalismo a referir à sua filosofia do que pelo Pragmatismo.

De acordo com estes pressupostos básicos, há uma relação intrínseca entre o Pragmatismo e a Educação Democrática, na medida em que o Pragmatismo, já que preconiza que todo o conhecimento e toda a acção do indivíduo devem ter um fim prático, então, a Educação Democrática possui também este intuito, pois nela, toda a acção do homem tem como fim, relacionar o teórico com o prático, haver uma relação de inter-ajuda e de enriquecimento mútuo entre os alunos, onde a experiência de um vai ajudar a melhorar a experiência do outro, numa vida compartilhada, onde todos têm a mesma igualdade de oportunidades em poder se educar (MONDIN, 1983: 158).

Democracia - A democracia é um sistema em que os cidadãos participam na formação dos valores que regem a vida dos homens associados. Dewey opõe-se à a sociedade totalitária, posto que esta abraça tudo como poder absoluto, que não dá espaço ao diálogo, à discussão, porém, na sociedade democrática, há liberdade, diálogo e é aberta, há um trabalho em conjunto. Quer dizer, uma relação de inter-ajuda em vista a alcançar o bem comum.

Em Dewey, a Sociedade Democrática “*repudia o princípio da autoridade externa e deve dar-lhe, como substituto, a aceitação e o interesse voluntários, e unicamente a educação pode criá-los (...) uma democracia é mais do que uma forma do governo; é, primacialmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada*” (DEWEY, 1959: 93). Portanto, no pensamento Deweyano, a democracia é aquele modo de vida em que as pessoas participam da formação dos valores

que regem a vida dos homens associados, modo de vida que é necessário tanto do ponto de vista do bem social como da óptica do pleno desenvolvimento dos seres humanos como indivíduos. Na democracia, tudo o que é aspiração do indivíduo, não deve ser inibido, mas sim, estimulado, de modo que tudo o que o indivíduo anseia, seja alcançado. Teorizando a democracia, Dewey traça dois conceitos:

sociedade planeada (a Planned society) e a sociedade que se planeia constantemente (*a continuously plannig society*), que os define deste modo: a primeira requer desígnios finais impostos de cima e que, portanto se baseiam na força física e psicológica, para fazer com que nos conformemos a eles. A segunda significa libertar a inteligência, mediante a forma mais vasta de intercâmbio cooperativo (REALE; ANTISERI, 1990: 513).

Ligado ao pensamento como filósofo e pedagogo, a teoria da investigação, a dos valores bem como a da democracia relacionam-se com a teoria da educação patente nas suas obras, “Democracia e Educação” bem como “Experiência e Educação” que eram entendidas como uma reconstrução e reorganização contínua de tudo quanto o homem vivenciou e experimentou, em vista a perspectivar, a partir da experiência passada e presente, a futura experiência. Portanto, será democrática segundo Dewey, a sociedade que promove a participação nos seus bens de todos os membros em igualdade de oportunidades e onde se assegura um reajuste flexível das suas instituições através da interacção das diferentes formas da vida associada, onde há um mútuo enriquecimento e igualdade de oportunidades.

Utilitarismo - O utilitarismo é uma doutrina filosófica que se fundamenta no princípio de utilidade, que determina que a ética deve basear-se sempre em contextos práticos, pois o agente moral deve analisar a situação antes de agir, e sua acção deve ter por finalidade proporcionar a maior quantidade de prazer (bem-estar) ao maior número de pessoas possível para que seja moralmente correta. Dessa maneira, o utilitarismo descarta por completo o imperativo categórico kantiano, tirando toda a correcção moral de uma razão universal e oferecendo-a ao sujeito. “*Agir sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar*”, essa é a principal máxima utilitarista. O utilitarismo é uma doutrina ética proposta primeiramente por Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Bentham foi um economista, jurista e filósofo inglês e o primeiro a teorizar o utilitarismo. Ele pensou em uma doutrina moral que visa às consequências das acções morais em detrimento das próprias acções morais.

O que importa, nesse sentido, é o resultado de certa acção, e não a própria acção. Isso significa que o agente moral deve estar sempre atento ao que vai acontecer se fizer algo. Também abre brechas para que o agente moral possa praticar certas acções que foram, muitas vezes, condenadas pela ética, como a

mentira. Mill, por sua vez, aprimorou a teoria utilitarista acrescentando ao utilitarismo a noção de qualidade.

A partir de Mill, o utilitarismo passou a ser visto como uma doutrina que visa ao maior benefício ao maior número de pessoas possível e, quando necessário, o menor sofrimento possível. Para ele, a qualidade dos tipos de prazer e dor deve ser levada também em consideração. Isso opera uma mudança no cálculo utilitário. Assim, agente moral deve visar, como finalidade, a uma acção moral que beneficie o maior número de pessoas da melhor maneira e, caso seja necessário prejudicar alguém em detrimento da maioria, que os prejuízos sejam os menores possíveis.

Para Mill utilitarismo é o princípio da liberdade como uma regra moral, que tem por objectivo promover a felicidade geral. Ou seja, o utilitarismo prega a noção de que a protecção da liberdade individual acabaria por resultar na maximização da felicidade geral em uma sociedade civilizada. Ele sublinha a adopção do Princípio de liberdade, cujo objectivo é impedir que a liberdade de cada pessoa seja excessivamente reprimida pela sociedade. Na perspectiva de Mill, o princípio da utilidade significa:

O princípio da utilidade não significa que um certo prazer, tal como o da música, ou determinada ausência da dor, como, por exemplo, a saúde, devam ser considerados como meios para alcançar algo colectivo denominado felicidade, e ser desejados por essa razão. São desejados e desejáveis neles e por si mesmos; além de meios, são também uma parte do fim. De acordo com a doutrina utilitarista, a virtude não é naturalmente e originariamente parte do fim, mas pode vir a sê-lo; entre os que amam de modo desinteressado isso acontece, e é desejada e acalentada por eles, não como um meio para felicidade, mas como parte de sua felicidade (MILL, 2004: 233).

Em geral, o utilitarismo de Mill entende-se como um Princípio de maior felicidade, como fundamento da moral. Assim, com base na teoria utilitarista, sabemos que as acções são felicidade colectiva. Conforme Mill afirma, “*O credo que aceita a utilidade ou o princípio da maior felicidade como a fundação da moral sustenta que as acções são correctas na medida em que tendem a promover a felicidade, e erradas conforme tendam a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade se entende prazer e ausência de dor*” (MILL, 2004, 187). É preciso perceber que na teoria utilitarista de Mill que ele esclarece que prazer e dor são sentimentos que incluem o prazer intelectual, a sensibilidade, a imaginação, os sentimentos morais. Mill insiste que o Princípio de maior felicidade é o fim último a

partir do qual tudo é desejável. Nele está contida a ideia de uma existência isenta de dor e rica em deleites em quantidade e qualidade. Essa finalidade de acção humana é também o padrão de moralidade que são as regras e os preceitos da vida humana que permitem a felicidade geral de todos.

No entanto, em vista dessa noção de liberdade é fundamental evitar danos aos outros e não produzir o mal a outrem. O utilitarismo pressupõe indivíduos livres e iguais; significa estar amparados por uma evolução moral e social, com capacidade de decisão e dispendo de autonomia. Segundo a teoria utilitarista de Mill são correctas as acções que promovem a felicidade das pessoas. Por isso, o objectivo da Lei e da Moral é a maximização da felicidade. De acordo com Mill (2004: 87), o utilitarismo exige que o indivíduo seja imparcial como expectador, desinteressado, benevolente e empático. Por isso, a leis e os dispositivos sociais precisam sempre pôr a felicidade e o interesse de cada indivíduo em harmonia com o interesse de todos. A educação e a opinião devem estabelecer no espírito de cada indivíduo uma associação entre sua felicidade e o bem de todos.

Para Mill (2004:145) a felicidade é desejável, aliás, ela é a única coisa desejável como fim. Para este filósofo a prova disso está no facto de que todas as pessoas desejam a felicidade e o bem individual. O esforço maior está em equacionar esse bem individual com o bem universal. O que é fim e o que são os meios na perspectiva utilitarista? Para Mill, o fim maior é a felicidade, no entanto, outros desejos como virtude, ausência de vícios, o prazer e a ausência da dor devem ser incluídos como meios que compõem e fazem parte do fim. Eles são meios para alcançar outro fim, mas podem ser considerados parte do fim. Alguns meios como o dinheiro, o poder e a notoriedade não devem tornar-se fim porque são perigosos para a individualidade e colectividade. A felicidade, portanto, não é algo abstracto. Ela apresenta um conteúdo bem definido na medida em que a individualidade e a colectividade elegem o que poderá ser considerado seu ou seus objectivos últimos, baseados em sentimentos morais que filtram o que é prazer e o que é dor.

Liberdade - Para Mill a liberdade de consciência é um direito irrevogável. A liberdade é um conceito expresso nas condições do homem ter uma consciência livre. Liberdade de expressar-se e associar-se aos outros sem danos a ninguém. Ela é percebida nesses exemplos e, portanto, para além de um conceito metafísico, está reflectida e concretizada nesses actos. A acção utilitarista pressupõe uma liberdade de consciência como liberdade de pensamento, sentimento e opinião; liberdade de gostos e actividades; liberdade de se reunir sem que isso envolva danos a terceiros.

Mill defende que a liberdade de opinião e de expressão deve pressupor que: a) a opinião silenciada pode ser verdadeira; b) através do choque de opiniões divergentes é possível chegar à verdade; c) Mesmo sem ser verdadeira a opinião expressa e confrontada pode nos levar à verdade; d) os dogmas se enfraquecem com a livre expressão da opinião. (...) o único modo pelo qual é possível a um ser humano tentar aproximar-se de um conhecimento acerca de um assunto é ouvindo o que podem dizer sobre isso pessoas de variedade de opiniões, e estudando todos os aspectos e que o podem considerar os espíritos de todas as naturezas (MILL, 2004, 34). Para Mill, o limite da liberdade de opinião é injúria, o racismo, a deturpação, a ameaça física, a agressão moral, a calúnia. As opiniões contrárias precisam ser ouvidas com moderação de linguagem e cautela, a fim de evitar ofensas desnecessárias.

Para Mill, dispendo de efectiva liberdade os homens podem agir de acordo com suas opiniões e agir por sua conta e risco. As acções não podem ser tao livres quanto as opiniões. Os seus limites devem ser sempre em relação ao momento em que causam danos a terceiros. A humanidade é diversa e falível e, portanto, não deseja unidade de opinião.

A liberdade constitui o fundamento antropológico do ser humano. Assim, o papel da educação é tornar o indivíduo num cidadão livre. Porém, ele reconhece que o indivíduo não é um ser isolado, mas participa de uma sociedade. Com efeito, a sua filosofia política visa o desenvolvimento da individualidade e da liberdade, isto é, a autorrealização por meio da democracia, concebida não como uma forma de governo, mas como uma participação de indivíduos na acção coletiva. Finalmente, sua pedagogia, intimamente ligada ao seu ideal democrático, visa dar aos educandos os meios e o carácter necessário para participar activamente da vida pública e social.

A Metodologia usada nesta monografia é a bibliográfica e a técnica hermenêutica. Desta forma e interpretamos as obras deste autor e seus comentadores.

Tendo em vista alcançar os objectivos almejados, esta monografia estrutura-se da seguinte maneira:

Capítulo I: *Influências e principais conceitos da educação democrática em John Dewey*. Tratamos da vida, obras e os aspectos mais relevantes que influenciaram o pensamento filosófico educacional de Dewey. Em seguida, abordamos os principais conceitos da sua pedagogia, nomeadamente, pragmatismo, experiência, democracia, educação, utilitarismo e liberdade. Capítulo II: *Fundamentos da educação democrática e pragmatismo*. Neste capítulo procuramos estabelecer relação entre educação, democracia

e pragmatismo inrentes à filosofia educacional de Dewey. Para tal, abordamos o conceito de educação democrática; pressupostos da educação democrática e pensamento reflexivo de Dewey. Capítulo III: *A pedagogia transformadora e democrática*. No último capítulo abordamos os aspectos democráticos e de transformação da sociedade da pedagogia de Dewey. Com efeito, tratamos da fundamentação da teoria pedagógica; a pedagogia da Escola Nova; pedagogia como factor de transformação e democratização social; o papel da experiência no processo de ensino e aprendizagem; educação democrática e libertadora através da escola; Dewey e o movimento pedagógico «Escola Nova»; formação social e libertadora da educação; a especificidade da educação escolar; educação como formação do espírito; educação retrospectiva e educação prospectiva e, finalmente, educação como reconstrução.

CAPÍTULO I: VIDA, OBRAS, INFLUÊNCIAS DE JOHN DEWEY

Neste primeiro capítulo almejamos abordar a vida, obras e os aspectos mais relevantes que influenciaram o pensamento filosófico educacional de Dewey. Em seguida, abordamos os principais conceitos da sua pedagogia, nomeadamente, pragmatismo, experiência, democracia, educação, utilitarismo e liberdade.

1. Vida

John Dewey (1859-1952), filósofo e maior pedagogo norte-americano, nasceu na metade do século XIX e morreu na metade do século XX. A nível do pensamento filosófico é considerado o filósofo da democracia. Suas concepções filosóficas formaram-se no intercâmbio com as ideias de William James, Charles Sandes Pierce e George H. Mead, pensadores que juntamente com ele, são considerados os fundadores do pragmatismo. Absorveu também o itinerário anglo-germânico, juntando pragmatismo, liberalismo e idealismo hegeliano. Dewey viveu a situação sócio-político dos EUA nos anos 20 a 30, de transformação de uma sociedade agrícola para uma criação urbano-industrial muito mais complexo, período de expansão tecnológica, da economia livre de mercado e da indústria. Filosoficamente, época de defesa dos direitos individuais, de uma sociedade baseada no lucro, no sucesso e benefícios materiais, da propriedade privada e da Revolução Industrial.

As principais obras de John Dewey são: *Educação e democracia*; *Educação e experiência*; *como pensamos* e *Meu credo pedagógico*.

2. Obras

O acervo literário de Dewey é imenso, contudo, aqui apresentamos as suas obras principais e que julgamos relevantes para esta monografia.

Democracia e Educação. Nesta obra encontram-se as formulações comuns ao movimento que se convencionou denominar-se Escola Nova ou Progressiva em educação. A obra *Democracia e Educação* traz uma reflexão sobre o problema da escola contemporânea: a inexistência de uma sociedade verdadeiramente democrática. Dewey analisa a educação como uma necessidade da vida humana, ocorrendo em qualquer sociedade, desde as primitivas. Nesse sentido, o autor afirma que “a educação

visa manter e renovar a comunidade, operando a transmissão da experiência e a reconstrução de práticas e valores colectivos” (Dewey, 2007:8).

Dewey considera que a educação apropriada à sociedade democrática é aquela que procura reorganizar a experiência para ampliar seu alcance e dirigir experiências subsequentes. *“Trata-se, agora, portanto, de determinada sociedade, a democrática, e tudo o que consta nessa parte refere-se a isto: educação em um ambiente social em que há reciprocidade de interesses e cooperação” (Idem, 9).*

Mais adiante, Dewey discorre sobre os factores que limitam a possibilidade de alcançar os ideais educacionais nos dias de hoje, o que quer dizer que a sociedade contemporânea não é democrática. *“É contra-senso falar de objectivos educacionais quando, maioria das vezes, cada acto de um aluno é estabelecido pelo professor, quando a única ordem na sequência de seus actos é aquela que vem da atribuição de lições e das imposições de outras pessoas” (Idem, 13-14).*

A obra *Experiência e Educação* é uma análise tanto de educação tradicional como da progressiva, enquanto a escola tradicional adopta as disciplinas ou a herança cultural como base dos seus programas, a nova escola valoriza o estímulo e o interesse do aluno, bem como os problemas decorrentes de uma sociedade em transformação.

A experiência educacional plena envolve, acima de tudo, continuidade e interacção entre o aluno e o que está sendo aprendido. O currículo tradicional exige uma rígida organização e uma disciplina que ignoram as capacidades e os interesses da natureza da criança. Dewey interpreta a educação como método científico por meio do qual o homem estuda o mundo, adquire cumulativamente o conhecimento de significados e valores, cujos resultados são dados que possibilitam um pensamento crítico e uma vida inteligente.

O método formulado por Dewey é extremamente activo onde o aluno é um sujeito e participa activamente no processo de ensino e aprendizagem, em contraste com o modelo tradicional onde o aluno adopta uma atitude de passividade, receptividade e docilidade. Isto porque em termos gerais o método para Dewey, consiste em provocar, pela acção do meio, que impede, determinadas reacções ou respostas, visto que na perspectiva da pedagogia aprender significa adquirir uma vasta gama de conhecimentos incorporados nos livros e nas cabeças dos mestres.

Para o autor, “*o estudo científico amplia e lida com a experiência, mas essa experiência só é educativa na medida em que tem como base uma continuidade de conhecimento relevante e na medida em que esse conhecimento modifica ou modela a perspectiva, a atitude e as habilidades do aluno*” (Dewey, 2011:16).

Entende-se a educação como necessidade de vida, pois de acordo com Dewey, a essência da vida é lutar para continuar a viver, dado que esta continuação só pode ser assegurada por meio de constante renovação: a vida é um processo de auto-renovação, daí que, “*A educação é para a vida social aquilo que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica*” (Dewey, 1959:10).

A educação é concebida também como função social, o meio social consiste na soma total das condições necessárias para a realização das actividades características de um ser vivo, mas também consiste em todas as actividades de seres semelhantes intimamente associadas à realização de seus fins comuns. Portanto, é educativo em seus efeitos, na medida em que o indivíduo participa de alguma actividade conjunta.

A principal preocupação de Dewey é a ligação entre a democracia e a escola, dado que se nota um grande perigo de autodestruição da democracia americana devido ao individualismo, fundamentalismo e pelo liberalismo económico. A ideia de Dewey é fazer a forma democrática à escola, procurando garantir a coerência com a sua filosofia experimentalista, mostrar que o pensamento só é útil quando está directamente ligado ao mundo concreto para satisfazer as necessidades humanas, assim, a educação tem que ser inovadora, preparar o indivíduo para ser criativo, para observar as mudanças que se vão registando na sociedade e ter condições de sempre rever as formas padronizadas de vida.

Reconstrução em Filosofia. Nesta obra, Dewey expressa as grandes questões filosóficas que envolvem o tema do dualismo (empirismo e racionalismo) e da experiência na modernidade. Isto é, a experiência tornou-se objecto da investigação. Dewey afirma que tais questões são profundas em relação “*à vida humana, pois que dizem respeito aos critérios de que o homem tem de valer-se na formação de suas crenças, bem como aos princípios pelos quais deve orientar a vida e aos fins para os quais há de dirigi-la*” (DEWEY, 1959:77). Dewey questiona-se sobre o que é experiência e o que é razão, seus limites e em que medida a experiência se constitui em fundamento sólido da crença e da conduta? Existe uma

Razão fora e acima da experiência, como coisa indispensável para ditar princípios certos á ciência e à conduta? (Cfr. DEWEY 1959: 78).

As respostas a estas questões não são imediatas em Dewey. Para a filosofia tradicional (entenda-se antiga), de uma forma geral, já possuía suas respostas. Segundo ela, não podemos confiar na experiência como sólido fundamento para as crenças e guia para a conduta, não podemos confiar na experiência de forma alguma, pois ela nos leva à ilusão. Os antigos acreditavam que havia uma razão fora e acima da experiência. Dewey revela de forma directa o seu caminho antidualista, em favor da continuidade entre razão e experiência. Ou seja, o autor não toma empirismo como oposição ao racionalismo. Todavia, antes de avançarmos neste aspecto voltaremos à questão da experiência na modernidade, para analisar de que maneira a experiência se tornou, na filosofia moderna e iluminista, uma fonte para o conhecimento.

Segundo Dewey(1959:39), os filósofos empiristas assumiram as críticas platônicas sobre a particularidade e a incerteza da experiência. Eles negaram que existisse algo em domínio da humanidade, como o Intelecto Puro e, em vista disso, nada havia que fazer senão apreendermos melhor os sentidos do campo da contingência presente, para melhor viver e melhor conhecer. Isso foi o que Bacon fez, no século XVI, em relação à lógica da indutiva, e o que John Locke fez, no século XVII, por exemplo, ao refutar crenças e instituições que afirmavam a autoridade baseada em uma faculdade superior. Nesse caso, Locke criticou o conhecimento construído na base do puro exercício intelectual sem base empírica e laçou a experiência como prova final e o critério último para as crenças e os costumes (CF. DEWEY, 1959:101).

Assim, a experiência passou a significar “*a observação aplicada ou sobre os objectos sensíveis externos ou sobre as operações internas de nossa mente*” (DEWEY, 1997:202-203). Ainda de acordo com Dewey (1959:109) a partir de Bacon, e em seus seguidores, de John Locke até David Hume, a “*experiência é o poder libertador*”, já a razão, “*é o fator conservador e escravizador do espírito*”. Para Dewey (1997:199), está clara a existência de conexões entre o termo lockeano observação e o termo platônico memória, pois, influenciado por Bacon, Locke associou o conhecimento à experiência por meio das sensações empíricas, como ver, tocar, pegar e sentir – que constituíam a observação da natureza no empirismo de Locke. Foi a partir dessas faculdades inatas do indivíduo, e não mais do

fascínio dos costumes cegos, da imposição da autoridade e das associações acidentais, que ele poderia observar e verificar a natureza e, por conseguinte, ser treinado a aprender.

Pradeau (2011: 56), sustentando a interpretação de Dewey sobre o conceito de experiência, afirma que a teoria lockeana da história natural do espírito tinha por objectivo mostrar como as crenças e os costumes baseados na faculdade superior, então já inaceitáveis como respostas à sociedade moderna, haviam-se originado e desenvolvido no espírito, prejudicando o seu desenvolvimento. Com isso, todas as coisas que davam sustentação à metafísica ou teológica foram sendo negadas para afirmar a capacidade natural do indivíduo de conhecer, porque uma vez erradicado o fascínio metafísico do nosso espírito, a ciência e a sociedade progrediriam livremente. Em outras palavras, a observação, por meio dos nossos sentidos, estaria livre dessas amarras.

Locke, ao refutar as sustentações da autoridade superior e a utilidade de suas instituições (conhecimento artificial), sustentou a autoridade natural em seu lugar, insistindo no dualismo entre natureza e experiência. Para Locke, as faculdades inatas do homem estão orientadas para o meio, onde o indivíduo apenas as desenvolve pela observação e repetição. Na mesma linha de Locke, Hume citado por Dewey (1997:204) afirmou que é na acção que se constitui a experiência, sem faculdades naturais a priori. Para ele, experiência significava, “*associações fortuitas, por conexões meramente físicas, de estados de consciência individualistas*” (Hume *apud* Dewey, 1997: 205). Desse modo, ele concedeu, em suas proposições, um lugar secundário para a razão na experiência, já que os motivos iniciais e finais de toda a acção são as sensações; e a razão é um elemento externo. Para Dewey, Hume também contribuiu no estabelecimento da dicotomia entre razão e sensações.

Por sua vez, os racionalistas afirmaram que a experiência sensorial era prejudicial à ciência e as leis morais, uma vez que a experiência, como base para provas finais e últimos critérios forneceu, apenas um conjunto de verdades particulares isoladas e desordenadas. Uma coisa era certa: as sensações são relativas e, por isso, não se poderia construir uma doutrina do conhecimento fundamentada nelas. Assim, a experiência necessitaria da “Razão”, caso quisesse se associar com “*quaisquer princípios de conexão e unificação*” (DEWEY, 1959:102). Immanuel Kant fortaleceu a posição do Racionalismo em relação à experiência, ao fornecer à experiência conceitos puros e ao eliminar, dentro do seu esquematismo, a anarquia da experiência. Sobre isso, Dewey salienta:

Mas a filosofia de Kant serviu para subministrar uma justificação intelectual ou “racionalizante” da subordinação do indivíduo a princípios e leis universais fixos e pré-fabricados. Razão e lei foram tomadas como sinônimos, e, assim como a razão penetrou na experiência, vindo de fora e de cima, do mesmo modo a lei tinha que penetrar na vida, partindo de alguma autoridade externa e superior. O correlativo prático de absolutismo é rigidez, obstinação, inflexibilidade de disposição (DEWEY,1959:113)

Sem alinhar com uma filosofia absolutista ou dogmática, mas crítica, Kant, ao afirmar que a razão e a lei não emanam da experiência – e mais: não podem ser testadas nem comprovadas na experiência, e que sem os princípios e leis universais a priori a experiência é anárquica –, acabou incitando o espírito do absolutismo.

As críticas trocadas entre os racionalistas e os empiristas podem ser resumidas, da seguinte forma: por um lado, os racionalistas desacreditavam nos sentidos como *“meios válidos ou superiores de conhecer os objectos, uma vez que [...] nunca conseguimos captar coisa alguma em si mesma ou intrinsecamente”* (DEWEY, 1959:106). Por outro lado, os empiristas menosprezaram todas as pretensões dos racionalistas em relação a um conhecimento absoluto pela razão.

Na verdade, os empiristas se fixaram na utilidade de suas experiências e se esqueceram das finalidades mais amplas de seus actos. Por sua vez, os racionalistas preocupam-se apenas com conceitos universais adquiridos por meio de sínteses proferidas pela mente humana. Em ambos os casos, a experiência está separada do sujeito; no caso dos empiristas, as emoções estão separadas do objecto do conhecimento; e, no caso dos racionalistas, a razão é que está afastada dos objectos do conhecimento.

Diante deste confronto, a constatação deweyana mais uma vez é a de que a filosofia, ao invés de acompanhar profundamente as mudanças de seu tempo, voltou-se novamente às tradições arraigadas, tornou-se uma conversa entre filósofos, afastando-se, conseqüentemente, de seu presente e da direcção da vida. O pensamento de Dewey procurou reconstruir essa postura filosófica, esse fazer filosofia plasmado pelos filósofos antigos, que segundo Dewey, nasceu dos conflitos sociais da época, impulsionados pelos desejos e emoções e, portanto, exprimiu o seu próprio presente – ainda que se distanciasse de maneira profunda da experiência da vida cotidiana. Seu esforço é o de que, dessa forma, a filosofia não poderia jamais se voltar contra o lugar de onde ela emerge, ou seja, os conflitos mundanos da experiência do presente de onde se fala, envolto nas contingências e precariedades do mundo. O problema de Dewey em relação à origem da filosofia pode ser resumido na passagem abaixo:

A filosofia arrogou-se a missão de demonstrar a existência de uma realidade transcendente, absoluta ou profunda, bem como a de revelar ao homem a natureza e os predicados característicos desta última e suprema realidade. Consequentemente tem pretendido estar de posse de um órgão de conhecimento mais elevado do que o empregado pela ciência positiva e pela experiência prática vulgar, órgão esse assinalado por superior dignidade e importância: pretensão essa indisputável, se a filosofia conduzisse o homem à intuição e à prova de uma Realidade, para além da que se patenteia na vida cotidiana e nas ciências especiais (Cf. DEWEY, 1959:60).

Essa é a origem da história do dualismo entre o Reino da Realidade Transcendental ou do saber teórico, alcançado pela disciplina filosófica, e o mundo empírico das aparências, ou fazer prático, atingido por aquilo que Dewey denomina de ciência positiva. No que diz respeito à noção trazida pela filosofia da ciência do século XVI e XVII, de Francis Bacon, é no meio do ciclo de progresso e desenvolvimento material causado pela ciência e tecnologia modernas, tendo como base a verificação ou experimentação empírica na natureza, que Dewey diagnostica o problema específico da modernidade para a noção de experiência no século XX, afirmando que:

Se até agora a aplicação dos métodos e dos resultados mais recentes da ciência tem influenciado os meios da vida, mais do que os fins da mesma vida; ou, melhor, se os ideais humanos até aqui só tem sido afetados de modo acidental e não orientados de modo inteligente, quer isso dizer que a mudança operada tem sido antes técnica do que humana e moral, antes de ordem econômica do que de ordem propriamente social (Idem:73).

No trecho acima, Dewey pretende dizer que novos dualismos sociais ainda constroem barreiras, na modernidade, sendo que, nesse caso, trata-se de um dualismo entre técnica e moral ou factores econômicos e factores sociais. Eis a nova hierarquia, pois a nova mensagem era a de que questões morais e sociais não importavam para a agenda do progresso, da mesma maneira que a experiência prática se sucumbiu à metafísica. Ainda que a lógica indutiva de Bacon tenha sido um importante avanço na cultura humana, quebrando com hierarquias antigas, isso valeu muito mais para a técnica e a economia do que para a moral e o social. Os homens da ciência e da indústria, segundo Dewey, privilegiaram e se ocuparam com elementos que favorecessem apenas o desenvolvimento técnico e económico. E criaram, por conseguinte, novos afastamentos da realidade social e do homem comum.

No que diz respeito à filosofia moderna, Dewey mostra que, no passado, referir-se a alguma acção prática geral era depreciativo, já que toda a prática, como a médica, segundo Dewey (1959:101), não era tratada como ciência, mas como conhecimento empírico.

Com efeito, a filosofia moderna não se apropriou do conceito de universalidade relacional das teorias das ciências naturais, que afirma que sua universalidade “*não é a de um conteúdo inerente fixado por Deus, pelo conceito puro, pela sensação ou pela natureza, mas a do âmbito de aplicabilidade*” (Idem,24). Os resultados da experimentação científica voltam para solucionar problemas na experiência prática e quotidiana. Hoje, a ciência descobre, constrói e inventa coisas que fazem o nosso mundo mudar em uma velocidade impossível de acompanhar, principalmente pela filosofia, presa ao conhecimento absoluto e a verdades morais. Essa dificuldade da filosofia, principalmente as correntes idealistas até o século XIX, deve-se ao facto de ela se encontrar, em sua maior parte, preocupada com as generalizações, no sentido de uma teoria universal de base irrefutável, independente de seu tempo e espaço.

Entretanto, adiantamos que Dewey não mantém uma relação unilateral com a ciência, exaltando apenas seu método demonstrativo e a consideração de hipóteses. Dewey critica a ciência devido aos seus limites de não abordar questões morais e sociais. Na medida em que o dualismo reflecte uma rígida divisão em presente na sociedade, para Dewey (1959:48), resolver este problema na actualidade, escapando da tradição filosófica dualista, é estudar a origem da filosofia por meio de um aprofundamento maior do que é tradicionalmente efectuado a respeito do papel prático, político e ético de explicação do mundo, que existe por detrás das fábulas de animais, cultos e lendas provenientes da experiência directa do homem antigo com a natureza; estes foram considerados inferiores, explicações insuficientes e incompletas na Antiguidade.

Mas essa postura deweyana é exactamente dirigida contra aqueles que consideram as explicações primitivas inferiores às explicações racionais, de cunho científico moderno, sistematizadas do mundo, isto é, contra aqueles que defenderam, a partir da filosofia como uma metafísica, e depois com a ciência positiva e a filosofia modernas, a separação entre conhecimento e desejo, ou razão e emoção.

Ao contrário, Dewey defende que o homem comum, é um ser de desejos, ao invés de um ser de estudos intelectuais, pesquisa e especulação; é um ser governado pela memória fantasiosa, sugestiva e dramática, e não pelo pensamento sistematizado, mas os filósofos, presos a disciplina teórica de seus ofícios,

parecem ter-se esquecido disto. O acto de recordar e, por conseguinte, de pensar, é, a princípio, mais emocional e sugestivo do que intelectual e prático. A experiência cognitiva tem de ter sua origem a partir da experiência de tipo não-cognitiva. É a partir da vivência, não importa se é cientista, filósofo ou qualquer outra coisa. Com efeito, a vontade e o desejo é o que garante a sobrevivência e o desenvolvimento do conhecimento, na qualidade de ponto de partida. Por isso, a filosofia, “*mais do que ciência, é poesia e drama*” (DEWEY,1959:48).

A origem da filosofia, para Dewey, considerando a poesia e o drama, é uma retomada que visa solucionar um problema principalmente da ciência moderna (XVI-XIX), que desconsidera, de uma forma geral, o carácter artístico do processo que dirige a vida social e moral na Modernidade, ou seja, que contribui para o afastamento do processo científico da realidade social e do homem comum.

3. Influências

O pensamento filosófico de John Dewey insere-se na corrente pragmátista que emergiu nos Estados Unidos da América. De acordo com Ozmon *et* Craver (2004:137), o pragmatismo inspirou-se no empirismo europeu, principalmente no empirismo de John Locke. O empirismo tem como fundamento a experiência. Teve como base, no Empirismo, e especificamente o inglês, que remonta às tradições iniciadas desde o período clássico. Portanto, o Pragmatismo remonta ao Empirismo Europeu, encabeçado por John Locke.

Rousseau teve papel decisivo na implantação do pragmatismo na educação ao estabelecer relação entre natureza e experiência a nível da educação (Cf. OZMON *et* CRAVER, 2004:137). Rousseau contribuiu também no paidocentrismo, ou seja, na educação centrada na criança. Segundo o pragmatismo deweyano, toda a experiência que o homem tem deve ser reconstruída, concebida em função da sua utilidade prática. Ainda de acordo com (Idem,135), “*James popularizou o pragmatismo, e Dewey sistematizou-o, levando suas principais ideias a um desenvolvimento mais abrangente*”. Neste sentido, podemos afirmar que foram os americanos que desenvolveram a filosofia pragmatista, Charles Sanders Pierce, William James e George H. Mead.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA E PRAGMATISMO

Neste capítulo almejamos estabelecer relação entre educação, democracia e pragmatismo inrentes à filosofia educacional de Dewey. Para tal, abordamos o conceito de educação democrática; pressupostos da educação democrática e pensamento reflexivo de Dewey.

1. Educação democrática

Educação democrática em John Dewey, é aquela que assume uma função democratizadora. No projecto educacional Dewey dá ênfase e grande relevância à democracia, pois para ele a vida democrática representa a incidência prática, institucional e comunicativa. Concebe a educação como poderosa ferramenta a serviço a serviço da democracia. A característica fundamental da educação na, em e para uma sociedade democrática é o estabelecimento do objectivo social mais lato que deve coincidir com o bem-estar e o progresso humano de todos os homens, e tem como base e fundamento o oferecimento de iguais oportunidades de preparo para o futuro terá como grande consequência, a longo prazo, a diminuição dos efeitos das desigualdades sociais.

Falando da educação democratica no contexto moçambicano, em relação aos valores da educação básica, Castiano (2005: 81), embora céptico em relação aos valores ideais, propõe a moçambicanidade como um dos valores a ser transmitido. A moçambicanidade como valor deve ser o substrato axiológico sobre o qual se deve basear a construção de todo sistema de educação em Moçambique. A educação deve estar ligada aos valores inerentes a moçambicanidade, a africanidade e á universalidade. Em suma, a educação Básica em Moçambique visa proporcionar à criança um desenvolvimento integral e harmonioso; capacitar a criança, o jovem e o adulto com um conjunto de padrões de conduta, que o tornarão um membro activo e exemplar na comunidade e um cidadão responsável na sociedade.

O conceito de africanidade no contexto da educacao democratica moçambicana, não se refere a cor da pele nem às culturas africanas, aqui ser negro é/era uma condição de existência como oprimido. A africanidade é *“como uma forma própria de existência, pensamento e de agir dos africanos na sua condição periférica e neocolonial”* (NGOENHA, 2014: 66). Assim, a africanidade representa necessariamente uma atitude de solidariedade para com os que nas épocas passadas da história foram escravizados e oprimidos e como que numa forma de continuidade, são hoje submetidos à condição de existência neocolonial no continente africano. Ou seja, ela é um discurso de desconstrução do

colonialismo e do neocolonialismo, não só, mas também um discurso de construção do que queremos ser. segundo Castiano, Ngoenha e Berthoud (2005: 268), a africanidade, torna-se necessariamente uma atitude de sociedade para com os que nas épocas passadas da História, foram submetidos a condição de escravatura e oprimidos e, como que numa certa continuidade, hoje são submetidos à condição de existência neocolonial do continente africano. Isto não diz respeito só às pessoas de pigmentação negra.

2. Fundamentos da pedagogia pragmática

É a escola democrática ela deve assumir a feição de uma comunidade em miniatura, ensinando em situação de comunicação de umas a outras pessoas, e de cooperação entre elas, visando a propósitos comuns, (...), ao mesmo tempo que um pequeno sistema social, a escola deve estar conectada com a vida social em geral, com o trabalho de todas as demais instituições: família, os centros de recreação e trabalho, as organizações de vida cívica, religiosa, económica e, política (DEWEY, 1975:29).

Deve tornar-se em uma casa de confraternização de todas as influências antagónicas, coordenando-as, harmonizando-as, consolidando-as para a formação de inteligências claras, tolerantes e compreensivas, promovendo automaticamente um ambiente de integração social, de harmonização de tendências conflituosas, de larga tolerância inteligente e hospitaleira.

A escola sofrendo a influência democrática ou da democracia, não deve permanecer alheia, mas deve ligar-se intimamente ao progresso social, abrindo-se plenamente na sociedade a que está inserida e que simultaneamente a cria, pois só assim, a escola democrática torna-se num lugar de mutações profundas e de progresso social.

Na educação democrática prevalece o sentimento de amor, humildade, na relação com o educando. O diálogo faz-se numa relação horizontal. Isto demanda confiança entre as partes envolvidas no diálogo. Ainda de acordo com este pedagogo, o sentimento de amor e confiança na práxis educativa ainda falta em alguns educadores que fazem da sua profissão mercadoria a vender. Esta é uma característica típica da educação bancária baseada na antidualogicidade no processo de transmissão do saber (Ibidem). Entretanto, não pode existir diálogo se os sujeitos da prática educativa não são sujeitos do pensar verdadeiro, porque não são levados à reflexão conjunta da realidade, porque uma minoria privilegiada os manipula transformando sua mentalidade numa realidade fatalística.

A educação dialógica faz-se através de permanente problematização do que se vai debater com os educandos, ou seja, no acto de planificação dos conteúdos a serem discutidos. Porque os conteúdos educativos resultam do inquérito feito ao povo, dos anseios da formação dos seus filhos. Por isso, essas informações dadas aos educadores de forma desordenada, devem voltar ao povo de forma organizada, acrescentada e sistematizada, com elementos humanísticos que permite atomada de consciência da condição da nossa plena humanidade.

Dewey se dedica a discutir o problema da democracia na obra *Democracia e Educação*. Dewey mostrou com clareza que a vida democrática depende de uma educação que desenvolva o hábito do pensamento reflexivo sobre os problemas da experiência. O pensar reflexivo é, para Dewey, condição de possibilidade da vida democrática.

3. Pensamento reflexivo deweyano

Nas linhas que se seguem, procuraremos analisar a seguinte questão que está vinculada à democracia: como Dewey concebeu o pensamento reflexivo? Há relações entre essa concepção de pensamento reflexivo e o método elaborado por Freire para a alfabetização?

Na obra *Democracia e Educação*, Dewey faz uma discussão sobre a primeira etapa do processo reflexivo que é a localização do acto de pensar na experiência, inicialmente indeterminada (confusa e duvidosa) e a segunda que é a interpretação dos dados da situação para definir o problema, tendo-se uma situação problemática. Para superar, o método de tentativa e erro e tornar o acto de pensar numa experiência autenticamente reflexiva são necessários dois movimentos nesta etapa: examinar os dados oriundos da observação atenta da situação que origina o acto de pensar para retirar dela os dados relevantes e, por outro lado, buscar as informações, conhecimentos, conteúdos acumulados em experiências anteriores do sujeito ou da cultura. Esses dois movimentos articulados permitem localizar e definir a situação e o problema. Na etapa seguinte, a reflexão continua com a elaboração de hipóteses e suas consequências como soluções possíveis para o problema. A conclusão do processo reflexivo consiste na elaboração de um plano de acção para por à prova a hipótese (verificação). Para esse autor, o pensar reflexivo permite dar um salto no desconhecido a partir do que é conhecido pelo processo da inferência, da interpretação, da suposição, da observação cuidadosa. Dewey afirma: “(...) *um pensamento (o que uma coisa sugere, e não a coisa tal como se apresenta) é criador, é uma incursão no*

novo. Ele subentende alguma inventividade” (DEWEY, 1979:174). A novidade que o pensamento produz consiste na percepção de novas relações para as coisas conhecidas enriquecendo a experiência. Os conhecimentos – as descobertas científicas, invenções, teorias e as produções da arte – resultam deste processo. De acordo com Dewey,

Só as pessoas tolas identificam a originalidade com o extraordinário e o fantasioso; as outras reconhecem que a mesma consiste em dar às coisas conhecidas usos que ainda não haviam ocorrido a outras pessoas. É nova a operação, mas não são novos os materiais com que aquela é feita. A conclusão pedagógica a tirar-se disto é que todo o ato de pensar é original quando faz surgir considerações que ainda não tinham sido anteriormente apreendidas (*Idem*, pp.174-175).

Na concepção de Dewey, o pensar reflexivo se desenvolve a partir do problema originário da experiência de vida. A investigação reflexiva é uma operação necessariamente original na medida em que leva a reconstruir as crenças e solucionar a situação problemática, produzindo, assim, o conhecimento: “(...) *é infinito esse processo em espiral: matéria desconhecida a transformar-se, pelo pensamento, em possessão familiar; possessão familiar a instituir-se em recursos para julgar e assimilar outra matéria desconhecida*” (Idem, pp.285-286).

Na obra *Como Pensamos*, Dewey desenvolve o papel da reflexão para aquisição de conhecimentos, condição necessária para desenvolver a consciência de novos problemas. Vejamos como ele trata dessa questão no seguinte excerto:

Reflectimos para poder conseguir plena e adequada compreensão do que ocorre. Todavia, cumpre que alguma coisa já esteja compreendida, que o espírito já tenha dominado alguma significação, pois de outra maneira seria impossível pensar. O aumento leque de significados nos torna conscientes de novos problemas; mas só traduzindo as novas perplexidades em termos do que nos é familiar e patente é que as compreenderemos e resolveremos. Esse é o contínuo movimento em espiral do conhecimento. Progredir verdadeiramente no saber consiste sempre, em parte, na descoberta de alguma coisa, não compreendida no conjunto previamente tido como patente, óbvio, natural; e, em parte, no emprego dos significados directamente apreendidos, como instrumentos de domínio dos significados obscuros e duvidosos (*Idem*, p. 142).

Para esse autor a educação é uma experiência reflexiva contínua regida pelo pensamento inquiridor: “(...) *pensar é inquirir, investigar, examinar, provar, sondar para descobrir alguma coisa nova ou ver o que já é conhecido sob prisma diverso. Enfim, é perguntar*” (Idem, p. 262). Se pensar é o método de educar é porque tem a finalidade de transformar a realidade, iniciando, desenvolvendo e ampliando o leque de significados da experiência humana. Decorre daí sua definição de educação: “(...) *é uma*

reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta, e também, a nossa aptidão para dirigir o curso das experiências subsequentes” (Idem, p. 83).

Dessa exposição podemos extrair algumas conclusões que são: a experiência de vida é o campo empírico de origem e destino do pensamento; o acto de pensar implica originalidade ao transformar a situação; aprender a pensar os problemas da experiência é a principal função da educação e é condição de possibilidade para a vida democrática; a vida democrática não é repetição de modelos, fórmulas, de um modelo de protocolos definitivos ou aplicação mecânica de conhecimentos memorizados, mas contínua reconstrução da experiência compartilhada na qual a experiência acumulada (conteúdos) são imprescindíveis.

CAPÍTULO III: A PEDAGOGIA TRANSFORMADORA E DEMOCRÁTICA

Este capítulo constitui o nervo central do nosso trabalho. Nele abordamos os aspectos democráticos e de transformação da sociedade da pedagogia de Dewey. Com efeito, tratamos da fundamentação da teoria pedagógica; a pedagogia da Escola Nova; pedagogia como factor de transformação e democratização social; o papel da experiência no processo de ensino e aprendizagem; educação democrática e libertadora através da escola; Dewey e o movimento pedagógico «Escola Nova»; formação social e libertadora da educação; a especificidade da educação escolar; educação como formação do espírito; educação retrospectiva e educação prospectiva e, finalmente, educação como reconstrução.

1. Pedagogia como factor de transformação e democratização social

Dewey preocupou-se por uma pedagogia que fosse factor de transformação da própria vida. Trata-se de uma vida reflexiva, mas que ao mesmo tempo é capaz de realizar no mundo acções que possam ser úteis aos indivíduos bem como ao grupo social, do qual este indivíduo faz parte. Entretanto, ao pensar sobre a teoria do pensamento democrático, encontra-se no meio dum perspectiva ética, política, bem como na vida social.

Dewey trata da educação como espaço promotor de mudanças sociais, ou seja, de transformação do homem e das estruturas sociais. Mais ainda, refere-se àquela Educação onde há uma igualdade de oportunidades de cada aluno poder educar-se, onde não há privilégios de alguns, mas que todos tenham as mesmas oportunidades. A Educação Democrática é aquela em que se cinge à experiência e à vida do aluno, dentro dum meio social. Este tipo de Educação, não deverá ser para Dewey uma preparação para a vida, mas sim deve ser a própria vida.

Dewey afirma que a Educação, sendo uma instituição social, então, assegura, sobremaneira, a direcção e o desenvolvimento da criança através da sua participação na vida do grupo social, a qual faz parte, quer dizer, a Educação irá variar de acordo com a qualidade de vida que cada grupo possui. Assim, já que esta Educação é um processo social, então, dentro da colectividade, existem vários tipos de sociedade, e a ideia para a construção educacional implica necessariamente um ideal social e particular de cada grupo. Deste modo, uma sociedade será indesejada se esta interna ou externamente estabelece barreiras à livre relação e comunicação da experiência entre os membros que fazem parte do mesmo.

Portanto, será democrática segundo Dewey, a sociedade que promove a participação nos seus bens de todos os membros em igualdade de oportunidades e onde se assegura um reajuste flexível das suas instituições através da interacção das diferentes formas da vida associada, onde há um mútuo enriquecimento e igualdade de oportunidades. Com estes aspectos, é claro afirmar que o pensamento pedagógico de Dewey também está ligado a uma educação renovada, partindo dos novos métodos e estruturas curriculares. Assim, a Escola deve procurar organizar-se segundo os moldes do desenvolvimento psicológico dos alunos, tal como o preconizou Rousseau, a quando da educação do Emílio, de modo que se atinjam os resultados necessários. Esta organização deve partir do ambiente escolar, do currículo e dos próprios conteúdos leccionados, concebendo isto em função dos alunos, seus interesses de modo que também se permitam as experiências anteriores destes.

A pedagogia de John Dewey enquadrando-se no movimento chamado a pedagogia da Escola Nova ou Progressista, está preocupada em desenvolver a cultura, a expressão, o interesse pelo indivíduo, pela disciplina externa e pela actividade livre onde o aluno deve ser capaz de por si desenvolver as suas capacidades de modo que contribua em algo para o seu processo de ensino e aprendizagem, para que este não seja um indivíduo passivo, mas que entre em acção e interaja com os outros.

A pedagogia da Escola Nova consiste num aprendizado pela experiência como resposta aos apelos vitais do aluno. Neste caso, visa também estabelecer uma relação entre uma experiência real do aluno e a Educação. Aqui, a ideia central não é rejeitar por completo a autoridade, porém, democratizar a relação pedagógica, daí ele chamar a sua escola de democrática.

2. Pedagogia da Escola Nova

Não se pode falar de Dewey sem se concentrar naquilo que se chamou de Escola Nova, movimento que teve o seu apogeu na primeira metade do século XX, que foi responsável pela mudança da antiga Escola Tradicional, que era rigorosa, disciplinar e centrada no professor. É necessário referenciar que o movimento da Escola Nova, é uma viragem ao Ensino Tradicional, e este ensino leva a educação a ser relacional. Aqui é importante o aluno individual e não uma turma anónima. Estimula-se, no aluno, a criatividade, o espírito crítico e as iniciativas particulares e individuais dos alunos.

O objectivo fundamental da Escola Né formar o aluno para a autonomia. Neste ensino preconiza-se que o aluno pode aprender e aprender bem. É também tida como uma Escola Construtivista onde o

conhecimento é discutido da parte dos alunos. Neste caso, o professor deve encontrar actividades que possam pôr o aluno em actividade dentro e fora da escola. Neste tipo de ensino, o currículo é flexível e adapta-se às condições concretas dos alunos. O professor aprende do aluno, assim como o aluno aprende do professor e, neste caso, há um intercâmbio, em termos de conhecimentos.

A Escola Tradicional tinha como característica de ser transmissiva em termos de conhecimentos, e as suas práticas estavam centradas no professor, tido como detentor de conhecimentos. Entretanto, para o professor, o importante era transmitir os conhecimentos, e não levar o aluno a reflectir sobre o seu aprendizado. Portanto, o conhecimento era algo fechado e acabado, já que os fazedores do currículo esgotaram tudo, e nada há que se possa investigar, por isso, o currículo era rígido e não poderia ser alterado.

Para Dewey, toda a actividade realizada na escola deve ter uma unidade, quer dizer, deve levar os alunos à acção, à prática. Neste sentido, a Educação está ligada à experiência com o mundo e partindo das realidades sociais, ver a relação entre os conhecimentos adquiridos na sala de aula e a vida no quotidiano. Assim, ao levar o aluno à prática, o pensamento Deweyano é denominado Pragmatismo, filosofia que defende que o pensamento e a acção devem formar um todo invisível, o que implica na formulação teórica como hipótese activa, demonstração para as situações práticas da vida.

A preocupação fundamental de Dewey no que concerne à Educação, foi de procurar caracterizar o seu pensamento como uma filosofia de acção, quer dizer, usar a prática como elemento fundamental para a realização plena do indivíduo. Dewey ao falar do Pragmatismo como uma corrente filosófica, afirma que ele é mais experimentalista na medida em que o seu pensamento abarca vários campos da filosofia. O seu intuito não é ser mais empirista, isto é, dar o primado da experiência, contudo, ligar a experiência à vida humana. Esta experiência é feita em função de produzir conhecimentos, daí se concluir que a sua pedagogia é de cariz “*learn by doing*”, isto é, aprender, fazendo.

Assim, ele privilegia a escola como um ambiente de socialização, de troca de impressões e vivências quotidianas entre o aluno e o professor. Portanto, a aprendizagem só será efectiva através de uma experiência directa. De acordo com a Dewey (1958: 245), é indispensável que a criança possa fazer durante muito tempo e livremente as experiências, de tal modo que do curso destas possam emergir a certa altura efectivas situações problemáticas por ela apercebidas como tais (ou seja, qualquer coisas que

apresente algo novo, embora bastante ligado com hábitos existentes para reclamar uma resposta uma resposta eficaz). Dada uma situação problemática, a criança deve ter a oportunidade de alcançar por si e delimitá-la e precisá-la intelectualmente, para melhor buscar soluções.

Portanto, Não se pode falar de Dewey sem se concentrar naquilo que se chamou de Escola Nova, movimento que teve o seu apogeu na primeira metade do século XX, que foi responsável pela mudança da antiga Escola Tradicional, que era rigorosa, disciplinar e centrada no professor.

É necessário referenciar que o movimento da Escola Nova, é uma viragem ao Ensino Tradicional, e este ensino leva a educação a ser relacional. Aqui é importante o aluno individual e não uma turma anónima. Estimula-se, no aluno, a criatividade, o espírito crítico e as iniciativas particulares e individuais dos alunos. O seu intuito fundamental é formar o aluno para a autonomia. Neste ensino preconiza-se que o aluno pode aprender e aprender bem. É também tida como uma Escola Construtivista onde o conhecimento é discutido da parte dos alunos. Neste caso, o professor deve encontrar actividades que possam pôr o aluno em actividade dentro e fora da escola. Neste tipo de ensino, o currículo é flexível e adapta-se às condições concretas dos alunos. O professor aprende do aluno, assim como o aluno aprende do professor e, neste caso, há um intercâmbio, em termos de conhecimentos.

A Escola Tradicional tinha como característica de ser transmissiva em termos de conhecimentos, e as suas práticas estavam centradas no professor, tido como detentor de conhecimentos. Entretanto, para o professor, o importante era transmitir os conhecimentos, e não levar o aluno a reflectir sobre o seu aprendizado. Portanto, o conhecimento era algo fechado e acabado, já que os fazedores do currículo esgotaram tudo, e nada há que se possa investigar, por isso, o currículo era rígido e não poderia ser alterado.

Para Dewey, toda a actividade realizada na escola deve ter uma unidade, quer dizer, deve levar os alunos à acção, à prática. Neste sentido, a Educação está ligada à experiência com o mundo e partindo das realidades sociais, ver a relação entre os conhecimentos adquiridos na sala de aula e a vida no quotidiano. Assim, ao levar o aluno à prática, o pensamento Deweyano é denominado Pragmatismo, filosofia que defende que o pensamento e a acção devem formar um todo invisível, o que implica na formulação teórica como hipótese activa, demonstração para as situações práticas da vida.

A preocupação fundamental de Dewey no que concerne à Educação, foi de procurar caracterizar o seu pensamento como uma filosofia de acção, quer dizer, usar a prática como elemento fundamental para a realização plena do indivíduo. Dewey ao falar do Pragmatismo como uma corrente filosófica, afirma que ele é mais experimentalista na medida em que o seu pensamento abarca vários campos da filosofia. O seu intuito não é ser mais empirista, isto é, dar o primado da experiência, contudo, ligar a experiência à vida humana. Esta experiência é feita em função de produzir conhecimentos, daí se concluir que a sua pedagogia é de cariz “*learn by doing*”, isto é, aprender, fazendo.

Assim, ele privilegia a escola como um ambiente de socialização, de troca de impressões e vivências quotidianas entre o aluno e o professor. Portanto, a aprendizagem só será efectiva através de uma experiência directa.

3. Educação democrática e libertária através da escola

A Educação é um motor essencial para operar mudanças dentro da sociedade. Neste caso, é função da Educação, oferecer mecanismos para que a vida seja mais humana e mais justa, através de uma organização social democrática.

A Educação deve formar no aluno um sentimento democrático e deve ser desenvolvida num ambiente democrático de modo que se dê a troca das diferentes experiências individuais, onde o aluno, com aquilo que aprendeu em casa, ao se encontrar com os outros seus colegas, se enriquece com a sua experiência, ocorrendo, assim, relações de inter-ajudas recíprocas, onde, cada um aprende doutro e que deve-se respeitar a experiência individual de cada um. Em Dewey, o ponto de partida para tudo isto é que a escola deve ser uma sociedade em miniatura. É, em vista disso, que este autor define a Educação como uma Reconstrução da Experiência para as novas experiências.

Deste modo, para Dewey, “*as escolas, todavia, continuam sendo o exemplo típico do meio especialmente preparado para influir na direcção mental e moral dos que a frequentam*” (DEWEY, 1959: 20). Por isso, a escola é um ambiente especial onde se forma o aluno para a maturidade, para a aquisição de valores e para a sua futura intervenção social como membro desta sociedade. Os princípios educativos na perspectiva de Dewey propunham uma aprendizagem através de várias actividades que deveriam ser realizadas em consonância com o currículo, isto é, documento ou plano realizador da Educação; ou conjunto de planos sistematizados da Educação em vista a acompanhar a evolução da

sociedade no tempo, o que era oposto à Educação de cariz autoritário, porque supunha somente oferecer aos alunos aquilo que era ao gosto dos poderosos. Dewey rejeita abordagem tradicional do currículo, onde o conhecimento é separado da experiência e é fragmentado e compartimentalizado. Nesta linha de abordagem, Ozmoc et Craver (2004:156) sustentam que “*o resultado da fragmentação deve em geral, dar mais atenção aos conteúdos da disciplina do que da experiência da própria criança*”. Assim, só quando o currículo é diversificado, então este ajuda a criança a abarcar várias áreas de domínio do conhecimento. Ao propor esta medida, Dewey constatava que o que era oferecido pelo sistema educativo da sua época não oferecia aos cidadãos uma preparação adequada para a vida dentro duma sociedade democrática. Assim, Dewey considera que

a Educação não deveria ser meramente uma preparação para a vida futura, mas sim deveria proporcionar e ter pleno sentido em si mesmo, o desenvolvimento e a realização (...) criticou a Educação que enfatizava tanto a diversão relaxada dos estudantes como mantê-los entretidos sem mais, assim como a orientação exclusiva até ao mundo profissional (Dewey, 1959:46).

Na pedagogia deweyana, o papel do professor é de ser um orientador e colaborador directo do aluno, onde este deverá aprender com os alunos e também os alunos deverão aprender com a sua experiência. O professor tem como tarefa, descobrir os verdadeiros desejos, gostos e interesses do aluno, e apoiar-se nestes interesses e desejos para levar o aluno à aprendizagem, à disciplina, de modo que este, por si, e através da orientação do professor adquira os verdadeiros valores educativos. Só com esta dialogicidade é que ocorre o processo de ensino e aprendizagem.

É com estes pressupostos que a sua pedagogia toma um múnus social e político, em vista a pôr na prática o ideal democrático. De acordo com estas ideias, funda Dewey a sua filosofia da educação que visa uma acção prática da Educação, onde a Educação não tem sentido se não chega a ligar a teoria e a prática.

4. A Educação como formação do espírito

Segundo a teoria da Educação, como formação, a Educação não é tida como um processo onde se desenvolvem as qualidades internas do aluno, nem o seu aperfeiçoamento, antes, porém, é “*a formação do espírito pelo estabelecimento de certas associações ou conexões de conteúdos por meio de matéria apresentada do exterior*” (DEWEY, 1959: 75), neste caso, ela se efectua através da instrução, e ela deve formar o espírito. Todo o processo educacional consiste na formação do carácter da personalidade

mental e moral do indivíduo, contudo, a formação tem em vista a selecção e coordenação das actividades inatas, de modo a possibilitar a utilização de todo o material do ambiente social. Assim, a formação é tida como um processo de reconstrução e reorganização.

Portanto, toda a Educação forma o carácter, mental e moral, e esta formação consistirá na selecção e na coordenação das actividades inatas, de modo a poder utilizar os conteúdos do estudo dentro do meio social. Além disso, a formação não é apenas uma formação de actividades inatas, mas toma lugar através delas.

5. Educação como reconstrução da experiência

No seu pensamento pedagógico, o conceito de Experiência é fundamental, já que a Educação, sendo uma necessidade de vida, então só através da experiência que cada aluno tem na sua vida é que poderá enriquecer os outros alunos, assim como se enriquecer, e, neste caso, a Educação deve oferecer esta oportunidade de o homem agir sobre o seu próprio ambiente em função de poder enriquecer a sua vida. Entretanto, só através da Educação é que os homens podem exercer, de boa maneira, a democracia. Só com o Pragmatismo é que tudo o que o homem pretende alcançar terá uma aplicação prática. Assim, a teoria e a prática são dois conceitos que no processo educacional de Dewey não se devem separar.

No que tanje ao experimentalismo, Dewey preferiu chamar sua filosofia deste nome, “já que ele acreditava que dever-se-ia usar a filosofia para ajudar as pessoas a serem mais experimentais nas suas abordagens dos problemas sociais, testando ideias e propostas reflexivamente, antes de agir sobre elas, e por meio da avaliação crítica e do exame reflexivo dos resultados, depois de experimentá-los na prática” (OZMON; CRAVER, 2004: 141). Entretanto Dewey afasta-se de James e de Peirce no modo como ele interpreta as relações entre o conhecimento e a realidade e neste caso, “enquanto os outros dois expoentes do Pragmatismo concebem o conhecimento como reprodução subjectiva de uma realidade objectiva, Dewey considera o sujeito e o objecto como um todo único” (MONDIN, 1983: 157).

Portanto, as ideias são tidas como meio para se poder resolver todos os problemas que o homem enfrenta e que a resolução dos mesmos só tem sentido na vida prática e de uma forma experimental para se poder atingir um fim melhor; daí a preferência em experimentalismo e instrumentalismo a referir à sua filosofia do que pelo Pragmatismo.

De acordo com estes pressupostos básicos, há uma relação intrínseca entre o Pragmatismo e a Educação Democrática, na medida em que o Pragmatismo, já que preconiza que todo o conhecimento e toda a acção do indivíduo devem ter um fim prático, então, a Educação Democrática possui também este intuito, pois nela, toda a acção do homem tem como fim, relacionar o teórico com o prático, haver uma relação de inter-ajuda e de enriquecimento mútuo entre os alunos, onde a experiência de um vai ajudar a melhorar a experiência do outro, numa vida compartilhada, onde todos têm a mesma igualdade de oportunidades em poder se educar.

O conceito pragmatismo provém do grego *pragma*, e significa *Acção*. Na filosofia a corrente pragmatista foi desenvolvida nos estados Unidos da América no século XIX por filósofos como Charles Sanders Peirce e William James. Como afirmam Ozmon *et* Craver (2004:133) estes filósofos defendiam que a prova da verdade de uma dada proposição é a sua utilidade prática.

O pragmatismo norte americano assenta-se na filosofia empirista moderna inglesa iniciada por Francis Bacon e continuada por outros filósofos como Locke e Charles Darwin. O pragmatismo afirmou-se como filosofia autêntica com os nomes de Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey na América.

Foi Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), que criou as ideias fundamentais do Pragmatismo. O conceito pragmatismo foi introduzido, pela primeira vez, em 1878, no seu artigo “*como tornar claras nossas ideias*”, tendo influenciado James e Dewey a conceberem o Pragmatismo e a desenvolverem esta corrente filosófica. (SOUZA, 2004: 41.

Pragmatismo foi divulgado por William James (1842 – 1910), que afirmava de que “*um empirismo não deve nem admitir em suas construções qualquer elemento que não seja directamente experienciado*” (JAMES, 1979: 190). O Pragmatismo é uma filosofia empirista, não a modo de empirismo tradicional que dava primazia à natureza e à experiência e que não tomava em conta o homem nos seus problemas e necessidades e se caracteriza por acreditar que a filosofia nunca deverá tomar em consideração nenhuma realidade fora da experiência humana real e possível.

O pragmatismo é oposto às especulações em que não têm uma aplicação prática. Na concepção empirista, a verdade está ligada ao tempo, lugar e objecto da investigação e que o valor é inerente tanto por seus meios como por seus fins.

Portanto, o Pragmatismo de Dewey considera a experiência como uma chave que abre o futuro, reduzindo a verdade à utilidade. Neste caso, o conhecimento é pragmático por definição.

Na maior parte das vezes, a Educação é tida como um constante reorganizar da nossa experiência que nunca acaba, já que sempre estamos a nos educar cada dia e estamos deveras a reconstruir e a refazer o que nós já conhecemos, de modo que haja uma transformação directa da qualidade daquilo que faz parte da experiência. No âmbito da Educação como reconstrução da experiência, a Educação é definida como *“uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes”* (DEWEY, 1959: 83).

É importante considerar que de tudo o que o homem aprendeu desde criança, jovem ao adulto, é uma experiência e também toda a experiência é enriquecida por todas as percepções e conexões de tudo o que encaramos na vida. Tudo inicia num tom muito leve e aos poucos, ganhamos a experiência. Toda a actividade ligada à Educação, faz com que o indivíduo conheça o que anteriormente não sabia. Diz este autor que *“uma criança queima-se ao pôr a mão numa chama. De então por diante, ela sabe que certo acto táctil em conexão com certo acto visual (e vice-versa), significa calor e dor”* (Idem, 83). Ainda que o aumento da capacidade de direcção ou regulação das experiências subsequentes faça parte de uma experiência educativa, contudo, proporciona conhecimentos e aumenta as aptidões nos indivíduos, e isto se diferencia de uma actividade rotineira.

Tudo o que aprendemos, fazêmo-lo inconscientemente, sem tomar em conta que estamos a fazer assim, sem esperança de um fim pré-determinado e ou, às vezes, sem perceber o alcance daquilo que estamos a fazer. Portanto, *“alguém pode aprender fazendo coisas que não compreende; até nas actividades mais inteligentes fazemos muita coisa sem atenção consciente (...)”* (Idem, 84). Contudo, somos obrigados a aprender e só nos damos conta através da observação dos resultados que não esperávamos. Daí, existir, segundo Isabel Marnoto, um paradoxo na aprendizagem, na medida em que a pessoa adquire o saber fazer, fazendo, assim,

a aprendizagem distingue-se da informação por implicar a actividade do sujeito e por não ser possível senão através dela. Mas que actividade? Aquela mesmo que se deve aprender. As coisas que temos de aprender para as fazermos, é fazendo-as que as aprendemos. E é nisto que reside o paradoxo; temos de fazer o que não sabemos fazer para aprender a fazê-lo! É trabalhando na forja que se vem a ser ferreiro, mas como forjar, se não se é ferreiro? É nisto que reside a essência da aprendizagem, na medida em

que temos de fazer o que não sabemos fazer, para podermos fazer bem e neste caso, estaríamos a aprender a fazer (MARNOTO, 1989: 38).

A rotina também é considerada como uma acção automática e que também aumenta a habilidade para fazer algo e que tenha um efeito educativo, ainda que não amplie horizontes, fazendo com que o indivíduo fique limitado no horizonte da aprendizagem. A experiência, sendo algo que ajuda o indivíduo a aperfeiçoar a sua aprendizagem, ela como um processo activo, prolonga-se no tempo, projectando luz para o futuro e que o resultado final possa objectivar a significação do antecedente, mas a experiência que é tida como um todo, determina uma disposição de modo que as coisas possuam sua significação. Toda a experiência ou actividade assim realizada, é educativa, já que a Educação não prescinde da experiência.

A reconstrução da experiência pode ser social ou pessoal, mas nas sociedades progressistas, isto não é bem assim. As sociedades progressistas, *“se esforçam por modelar as experiências dos jovens de modo que, em vez de reproduzirem os hábitos dominantes, venham a adquirir hábitos melhores, de modo que a futura sociedade adulta, seja mais perfeita que as suas próprias sociedades actuais”* (DEWEY, 1959: 85). Assim, neste ponto de vista, a Educação é um meio de modo que o homem possa realizar suas experiências e a Educação, ao invés, de fazer desenvolver o homem individual, fá-lo também à sua sociedade.

Em Dewey, o principal foco da aprendizagem é a experiência que cada aluno tem e que esta poderá enriquecer a experiência dos outros alunos, e também este aluno se enriquece com as experiências dos outros e neste caso, há um recíproco dar e receber. Dewey chega a concluir que o ensino da Escola Tradicional ignora por completo a experiência vivida por cada aluno, e neste caso, e de acordo com esta abordagem, as experiências são defeituosas e mais para os alunos. Em Dewey, a qualidade da Educação é directamente dependente da qualidade da experiência educativa que cada aluno teve individualmente.

Deste modo, o projecto educativo de Dewey se centra-se na experiência de vida, onde esta se torna útil ao indivíduo de uma forma inteligente. É necessário compreender também a necessidade da autoridade e de regras que se devem usar para o controle social dos alunos. Para tal, devem-se usar, na sua pedagogia, os jogos, o entretenimento, que estes representam o modo de vida democrático, onde há regras estabelecidas mas o seu cumprimento é por igual e pata todos. Dewey apela ao professor para que o aluno, além da experiência, deve desenvolver trabalhos manuais, já que estes poderão responder às

situações-problema, a que o aluno não é capaz de responder. Assim educada, o aluno beneficiará e se enriquecerá tanto da experiência do professor, como da dos seus companheiros e isto será uma função de poder igualar as oportunidades educativas de cada um.

o escopo da Educação deveria ser o de facilitar a observação dos vários estágios de desenvolvimento, de modo a emancipar o indivíduo para não permanecer nos valores do passado, e libertá-lo da necessidade de reviver o passado, do que levá-lo a uma reinterpretação daquilo que já terá acontecido. Neste caso, a Educação como reconstrução, surge na ideia de que o ideal de crescimento resulta da concepção de que a Educação é uma constante reorganização ou reconstrução da experiência passada. Tem sempre um fim imediato, enquanto a actividade é educativa e alcança esse fim na transformação directa da qualidade da experiência. Assim, a Educação é essa reconstrução ou reorganização da experiência que se acrescenta ao significado da experiência e que aumenta a capacidade para dirigir o curso da experiência subsequente.

Portanto, a primeira coisa que um educador deverá fazer é procurar fazer um estudo cuidadoso das aptidões e deficiências inatas de um indivíduo e depois disto, oferecer a este indivíduo, um ambiente que favoreça para que toda esta energia existente desperte e funcione. Assim, o que faz com que haja uma relação entre a hereditariedade do indivíduo e o meio social onde ele vive é a linguagem.

A Educação pode ser concebida, retrospectivamente, quer com base no futuro, quer dizer, pode ser tratada como um processo de acomodar o futuro ao passado ou utilizar o passado como recurso num futuro em desenvolvimento. O primeiro encontra os seus modelos e padrões no que aconteceu no passado. O espírito pode ser visto como um grupo de matéria que resulta da presença de certas coisas. Neste caso, as primeiras representações constituem o material ao qual os últimos vão ser assimilados. Portanto, a Educação pode ser percebida retrospectivamente, quando se considera como um processo de adaptar o futuro ao passado e prospectivamente como utilização do passado como um recurso para o desenvolvimento do futuro.

A escola, como um ambiente especial e ordinário das associações, possui três funções especiais: a primeira função afirma que, ainda que a maior parte das coisas que o homem sabe aprende na escola, porém, uma civilização complexa não pode ser assimilada de uma forma total, assim, para o seu estudo, é necessário dividí-la em partes e estudar cada parte. Assim, a escola, sendo um ambiente especial, deve

fornecer um ambiente simplificado, “*seleccionando os aspectos mais fundamentais, e que sejam capazes de despertar reacção da parte dos jovens (...) na progressão, utilizando-se os elementos adquiridos em primeiro lugar como meios de conduzi-los ao sentido e compressão real das coisas mais complexas*” (Idem, 21). A segunda função preconiza que o meio escolar tem como função, eliminar os aspectos que não trazem vantagem dentro do ambiente escolar e que isto não chegue a influenciar os hábitos mentais dos indivíduos.

A escola deve abrir um espaço para o aluno entrar em acção. Portanto, é dever da escola omitir as coisas perniciosas à vida do aluno, fazendo com que com o andar do tempo, a sociedade veja a necessidade de não transmitir e conservar todas as suas realizações, mas sim, unicamente as que importam para uma sociedade futura mais perfeita. Por fim, a última função advoga que a missão deveras da escola, escolher os elementos do ambiente social e proporcionar oportunidades para cada indivíduo de modo que fique longe das limitações do seu grupo social e proporcionar, desta feita, um amplo estudo com mais oportunidades (Idem,22). Isto tudo é justificado pela ideia segundo a qual um grupo social e determinado fornece meios educativos para todo o indivíduo que participa da sua actividade colectiva ou conjunta. Portanto,

a escola tem, igualmente, a função de coordenar, na vida mental de cada indivíduo as diversas influências dos vários meios sociais em que ele vive. Um código prevalece na família; outro, nas ruas; um terceiro, nas oficinas ou nas lojas; um quarto, nos meios religiosos. Quando uma pessoa passa dum destes ambientes para o outro, fica sujeita a impulsos contraditórios e acha-se em risco de desdobrar-se em personalidades com diversos padrões de julgar e sentir, conforme as várias ocasiões. Este risco impõe à escola uma função fortalecedora e integradora (DEWEY, 1959: 23).

Toda a Educação, para ter efeitos, precisa dum meio e este dá oportunidades e condições para que os indivíduos desenvolvam as suas actividades que os dignificam como seres vivos.

Deste modo, para Dewey, não há dúvida que a missão da escola é pôr em prática o método da Educação Activa ou da Escola Nova, e este método consiste em desenvolver na criança a espontaneidade inventiva, ajudando-a, desde cedo, a fazer por si mesma, a pensar por si mesma. Segue-se que a Educação deve ter por finalidade, formar personalidades livres, capazes de alargar ulteriormente a esfera da acção e da experiência da humanidade, de tornarem cada vez melhores, as condições da existência e da associação (MONDIN, 1983: 160). Portanto, a escola, para Dewey tem também como função, coordenar as diversas influências no carácter de cada indivíduo, dos vários meios sociais de que este faz

parte. Assim, há vários códigos que o indivíduo encontra, tanto na família, na rua, na escola, na Igreja, etc. Quando a pessoa muda de um meio para o outro, fica sujeita a forças antagônicas, e corre o risco de se desintegrar num ser com diferentes padrões de juízo e emoções em diferentes ocasiões e lugares onde se deverá encontrar.

CONCLUSÃO

Este estudo permite descobrir o motivo que levou Dewey a propor uma Educação Democrática centrada no educando, em oposição ao Ensino Tradicional, no qual o professor era o centro de toda a aprendizagem e limitava-se somente a transmitir conhecimentos aos educandos e estes deveriam, através da memorização, reproduzi-los. Dewey desenvolveu uma teoria educacional que influenciou o sistema de ensino contemporâneo, adoptando uma pedagogia democrática.

Para Dewey, a Educação Democrática é aquela em que a igualdade de oportunidades é um elemento fundamental, isto é, todos os indivíduos presentes no processo de ensino e aprendizagem devem ter a mesma oportunidade de ensino, e que não deverá haver diferenças de classes, cada aluno deve-se enriquecer com as experiências dos outros, entrando numa relação de inter-ajuda. Para Dewey, uma Educação sem essa igualdade de oportunidades basear-se-ia nos privilégios e neste caso, não seria democrática. A Educação para Dewey é um processo de vida em que se faz uma experiência e, ao mesmo tempo um processo social em que se representa não a vida futura, mas a presente e real para o aluno. É um processo onde se reconstrói e se reorganizam as experiências que o indivíduo teve durante a sua vida.

A preocupação principal deste trabalho foi, fundamentalmente, procurar explicar a partir da sua filosofia pragmatista e seu pensamento pedagógico, o que é a Educação Democrática e em que aspecto o pensamento da Escola Progressista poderá ter influenciado a concepção actual de educação. Para podermos ter o fulcro da questão, foi necessário perceber a epistemologia deweyana, onde se concluiu que o Pragmatismo, mais do que uma repetição do Empirismo Inglês encabeçado por Francis Bacon (1561 – 1626) e John Locke (1632 – 1704), é uma doutrina que preconiza que todo o aprendizado deve ter como pressuposto básico, a experiência e que esta deve ter um fim prático. O Pragmatismo norte-americano fundado por William James e Charles Sanders Peirce e sistematizado por Dewey teve um carácter inovador e transformador na educação em geral e na pedagogia escolar em particular.

Entretanto, para se perceber a filosofia pragmatista deweyana, é necessário também e antes de tudo perceber a sua epistemologia, onde ele afirma que o pensamento pragmático serve como instrumento que adapta o homem enquanto ser vivo ao seu ambiente natural, com o escopo de transformá-lo de acordo com os interesses individuais e colectivos. A filosofia de Dewey é um pensamento que se

entende na tentativa de ligar o pensamento reflexivo com os acontecimentos daquilo que experimentamos todos os dias. Portanto, o método empírico do qual o Pragmatismo faz parte requer da filosofia que os métodos usados estejam directamente ligados à experiência.

Num meio como o nosso, já não se deverá falar duma Educação autoritária onde o professor é o único detentor de conhecimentos. A Educação actual deveria democratizar o saber onde tanto o aluno como o professor são tomados e considerados como sujeitos do saber, e estes são, ao mesmo tempo, aprendizes e educadores. Ao modo como referenciou Dewey, a escola deve ser um lugar onde o homem se torna verdadeiro homem, se inova, faz a sua criatividade. O homem deve ser como o filósofo, um homem que está sempre insatisfeito e sempre procura indagar a verdade.

No nosso meio, a organização da escola segundo um intuito democrático preconizado pela Escola Nova; a elaboração do curriculum; a inserção das ciências no cenário educativo; a formação qualificada dos professores; o uso de critérios técnicos e profissionais na administração escolar; a educação integral e integrada do homem com fins práticos ligados ao teórico; a expansão das oportunidades educativas através da extensão das escolas com ensino básico; o aumento de escolas primárias completas em função de se combater o analfabetismo e a pobreza; a melhoria da qualidade de ensino centrado na formação dos professores; a descentralização da administração escolar; a adequação do sistema educacional às novas condições socioeconómicas face à globalização é expressão de ideias que Dewey concebeu ao formar a Escola Nova ou Progressista.

BIBLIOGRAFIA

Obras do Autor

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. 3 ed. S. Paulo: Nacional, 1959.

_____. *Experiência e Educação*. 3 ed. S. Paulo: Nacional, 1975.

_____. *Vida e Educação*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1974.

Obras complementares

ANTISERI, D; REALE, G. (1990). *História da Filosofia*. São Paulo: Ed. Paulinas.

CASTIANO, José; NGOENHA, Severino; BERTHOUD. (2005). *A longa marcha dum educação para todos em Moçambique*. Maputo, Publifix.

CASTIANO, José P. (2005). *As Transformações no Sistema de Educação em Moçambique: Educar para Quê?* Maputo, INDE.

CUNHA, M. V. Da. *Antinomia do pensamento pedagógico: o delicado equilíbrio entre indivíduo e sociedade*. Revista da Faculdade de Educação, S. Paulo, v. 19, n. 2, jul./dez. 1993.

JAMES, W. *Ensaio em Empirismo Radical*. S. Paulo, Abril cultural, 1979.

LEITE, Carlinda; TERRASÊCA, Manuela. *Ser Professor/a num contexto de reforma*. 3 ed. Porto: Asa, 2001.

MARNOTO, Isabel. *Didática da Filosofia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989, v. 1.

MARQUES, Ramiro. *A Arte de Ensinar: dos Clássicos aos Modelos Pedagógicos Contemporâneos*. Porto: Plátano, 1998.

MONDIN, B. *Curso de Filosofia*. 7 ed. S. Paulo: Paulinas, 1983, v. III.

NGOENHA, Severino. *Das independências às Liberdades: Filosofia africana*. Maputo, Paulinas, 2014.

OZMON, Howard A.; CRAVER, Samuel M. *Fundamentos Filosóficos da Educação*. 6 ed. S. Paulo: Artmed, 2004.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. *O Pragmatismo de John Dewey e sua expressão no pensamento e nas propostas pedagógicas de Anísio Teixeira*. Curitiba, PPGE, 2004.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*. 4 ed. S. Paulo: Paulinas, 1990, v. III.